

as ideias e a sua plasticidade

comentário à apresentação de Jean-Paul Jaccaud

habitação e creche, Rue du Cendrier,
Genève
Jean-Paul Jaccaud



Diogo Lopes
aluno do 6º ano do dARQ

A imagem de uma das portas de um dos edifícios de Jean-Paul Jaccaud deixou-me uma pergunta - quanto tempo existe entre a ideia de uma porta e a porta construída? Algum tempo depois, veio-me à cabeça a imagem de uma roda de oleiro. Este mecanismo, feito a partir de um eixo rotativo que permite a moldagem sucessiva do barro a partir de contidos movimentos das mãos, parece convergir com a imagem de recipiente cilíndrico que todos guardamos na cabeça. Ainda assim, quantos recipientes cilíndricos conhecemos, porque mudam e sob que intenções se transformam?

Desde logo, consoante a quantidade de líquido que queremos armazenar. Se tivermos o objectivo de usar esse recipiente para derramar o líquido que contém, a sua boca terá outros contornos e o gargalo será mais ou menos comprimido. Destas deformações, até outras que se prendem com a quantidade de ar e luz que entra no depósito e que modifica o estado do líquido, até ao simples desejo

formal, o oleiro tem a oportunidade de, com a matéria argilosa, o dispositivo mecânico e as suas mãos, produzir uma infinidade de formas fazendo uso do tempo giratório e contínuo que aquele mecanismo produz. Sempre o mesmo princípio de acção sobre a matéria e uma quantidade inesgotável de possibilidades de moldagem. O que muda terá tanta importância como aquela imagem mental permanente e que assegura uma essencialidade da forma. É também evidente que o oleiro não parte sempre do cilindro - um recipiente de azeite que precise de aumentar a sua capacidade é apenas uma deformação de um outro recipiente de azeite. De qualquer forma, existe sempre uma base mental que é manipulada aquando de cada especificidade.

Voltando à porta, tem tudo o que a compõe enquanto ideia - o aro que permite o remate das paredes, o batente, o plano rotativo que permite atravessar o pano de parede e o puxador. Mas não é apenas isto, entre a imagem de uma porta e aquela porta existe um enorme tempo. O seu aro começa por ser deformado, aumentada a sua largura e o seu comprimento. No seu interior, um batente maior do que o habitual e uma entrada de luz. É este processo de deformação que encontro na arquitectura de Jean-Paul Jaccaud. De portas, janelas e varandas até à barra como volumetria privilegiada da habitação colectiva moderna, existe um desejo de enriquecer a pureza da imagem mental com deformações que introduzem uma desejada complexidade.

Se por um lado, olhando para o seu trabalho, podemos dizer que uma casa é uma casa, esta base mental nunca aparece como resultado final, tal como fica sugerido com o exemplo da porta. Entre um imaginário universal e uma situação específica, Jean-Paul Jaccaud recolhe, num primeiro momento do projecto, um conjunto de artefactos naquela situação urbana que aumentam a base sob a qual aplica este processo de deformação. Alguns destes artefactos não são enquanto objecto físico mas como ambientes, documentos ou imagens somados a fragmentos arquitectónicos como janelas ou passagens.

Importa por isso perceber porque os recolhe. No seu trabalho, está interessado no objecto arquitectónico como resposta a uma situação específica onde existe, *a priori*, um conjunto de linhas definidoras do lugar que importa descobrir e interpretar como matéria de projecto. Parece querer dizer-nos que estas linhas contêm em si os anseios colectivos daquele lugar, e que os definem a tal ponto que importa resgatá-los para o novo projecto com o intuito de surgirem naturais e em continuidade.

Esta ideia é uma herança da influência de Bernard Huet, de quem foi aluno e com quem trabalhou. No seu texto de 1986, *Architecture contre la Ville*, publicado na revista AMC, levanta a questão definida pelo conflito entre a obra de arquitectura, definida por Alberti como obra artística individual, autónoma, idealizada por um autor e com um tempo rápido, por contraponto à cidade, construída a partir das pulsões colectivas de forma lenta e paciente. Para Huet e Jaccaud, a cidade é conservadora, resistente à mudança e provida de uma inércia capaz de assegurar pequenas transformações em estreita ligação com o ritmo colectivo. Ainda muito centrado na possibilidade da tipologia, Huet propõe a investigação de uma possível mediação entre a arquitectura e a cidade. De alguma forma, o discurso e o trabalho de Jean-Paul Jaccaud prossegue e actualiza a investigação sobre esta possível mediação.

Talvez por isso a maioria do seu trabalho seja centrado na habitação colectiva,